



O MERCADO EDITORIAL BRASILEIRO: DISCURSO E IDEOLOGIAS

Élida Cristina de Carvalho Castilho¹

Não é de hoje que o texto literário é lugar de muitas representações discursivas que muito contribui para dizer sobre o mundo. Barthes (2002, p. 19, grifos meus) já assinalava que “a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor; que ela sabe algo das coisas — *que sabe muito sobre os homens*”.

Reconhecida e legitimada socialmente, essas singulares produções de sentidos concretizaram e ainda concretizam muitas ideologias em palavras, contribuindo, tanto para reafirmar representações de sujeitos e de culturas, dentro de uma lógica vertical de poder, quanto para promover deslocamentos dessas redes de memórias. Assim que, analisar qual(is) a(s) voz(es) literárias estão sendo publicadas/narradas/ouvidas e, ao contrário, também, quais estão sendo silenciadas na produção literária brasileira contemporânea, em tempos de constantes mudanças na vida social, cultural, política e econômica, pode contribuir para o compromisso global de uma sociedade cada vez mais crítica e cidadã.

Certamente que os discursos mudam a cada época e, por isso, é importante observar os meios de produção, circulação e interpretação literárias, lugar de excelência, de construção discursiva, que vai muito além das páginas, muitas vezes, ampliando, muitas vezes, emudecendo, vozes. Desse modo, refletir como o mercado editorial brasileiro contemporâneo materializa discursos, nos e por seus lançamentos editoriais, é uma das possibilidades de compreender e interpretar como os efeitos do capital (editorial) produzem e/ou reproduzem sentidos.

Este artigo analisa a produção literária brasileira contemporânea a partir da materialidade discursiva dos títulos publicados no mercado editorial nacional. Ancorado na Teoria Discursiva Materialista, investiga-se como as obras e seus títulos constituem gestos de leitura que produzem e atualizam sentidos inscritos em formações discursivas específicas. A análise de um *corpus* de 100 obras e 105 autores revela a predominância de temáticas de urgência social, bem como a inserção crescente de vozes negras, femininas e periféricas. Discute-se ainda a tensão entre produção literária nacional e predominância de obras estrangeiras, considerando os efeitos ideológicos que regulam a circulação e o reconhecimento de determinadas vozes. Conclui-se que, embora existam entraves estruturais no mercado editorial, emergem práticas discursivas que reposicionam sentidos de representatividade e pluralidade no campo literário brasileiro.

¹ Doutora em Letras pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), campus Três Lagoas, na linha de pesquisa Discurso, sujeito e subjetividades. Atualmente é docente no IFSP – Campus Tupã.



Vozes literárias brasileiras contemporâneas

Construir gestos de leitura sobre as vozes literárias brasileiras contemporâneas enunciadas pela materialidade do discurso editorial nacional² é o objetivo desta breve seção. Assim, ler esse arquivo — compreendido, à luz de Pêcheux, como “um corpo discursivo constituído historicamente e atravessado por relações de força” (Pêcheux, 1999) — permite exercícios de compreensão sobre os funcionamentos desse aparelho ideológico de poder e sobre como ele estrutura o imaginário literário nacional. Tal leitura enfatiza que os sentidos “não estão dados, mas são produzidos no interior das formações discursivas” (Orlandi, 2001, p. 42), o que implica considerar o mercado editorial como espaço de produção, circulação e disputa de sentidos.

Ao analisar como os títulos literários publicados articulam e (re)velam significações vinculadas à história e à sociedade que os produzem, é possível compreender os modos pelos quais esses arquivos textuais significam para além da materialidade imediata dos títulos. Lemos, portanto, não apenas o que dizem, mas como dizem, entendendo — no gesto analítico proposto por Orlandi — que “o sujeito não é a origem do dizer, mas efeito da relação linguagem/história” (Orlandi, 1999, p. 45). Nesse entrelaçamento entre linguagem e exterioridade, examinar como os lançamentos editoriais desenhavam perfis de leitores e de leitura possibilita interpretações que colocam em discussão não somente o império do dizer/ler, mas também aquilo que permanece silenciado, apagado ou não-dito (Pêcheux, 2006).

Das 100 obras catalogadas, 60% abrangiam temáticas ligadas a urgências sociais — violência urbana, questões de gênero e étnico-raciais, relações familiares, entre outras. Essa regularidade permite afirmar que a produção literária brasileira contemporânea expressa um movimento discursivo investido de posições ideológicas voltadas à valorização da diversidade e à crítica das desigualdades. Esses resultados se articulam ao que Pêcheux (1990) chama de “processos discursivos”, em que sentidos são produzidos a partir de posições ideológicas assumidas por sujeitos inscritos em determinadas formações discursivas.

Como aponta Althusser (1970), o discurso produzido em um determinado aparelho ideológico — como o editorial — nunca é neutro, mas participa da reprodução (ou contestação) das ideologias dominantes. O perfil dos autores reforça tal tomada de posição discursiva, considerando seus lugares sociais de enunciação: dos 105 autores pesquisados, 41% são negros e 53% mulheres. Embora 59% sejam brancos e residentes na região Sudeste (51%), observa-se a entrada significativa de outras vozes, sobretudo negras e oriundas de centros periféricos³ que tensionam a centralidade histórica do eixo Rio–São Paulo. As vozes nordestinas, por exemplo, correspondem a quase 30% das publicações (29 autores), reposicionando sentidos sobre pertencimento e identidade nacional.

² Os suportes editoriais nacionais selecionados para a pesquisa que analisou os lançamentos editoriais nos anos de 2023 e 2024 foram: Companhia das Letras, Grupo Editorial Record, Editora Intrínseca, Editora Rocco, Editora Aleph, Editora Patuá, Editora Penalux, Editora Kapulana e também a Editora Malê, especializada em literatura afro-brasileira.

³ Entendido, nessa pesquisa, como autores e produções literárias advindas das periferias, das margens de localização geopolítica, promulgadores de um discurso próprio de resistência e que sustentam importantes produções catalisadoras de discussões sobre questões pessoais e coletivas (Nascimento, 2006).



Afetadas pela língua e pela história, essas vozes materializam no mercado editorial práticas discursivas capazes de questionar e ressignificar representações sociais, memórias e deslocamentos identitários. Além da consolidação de temáticas de urgência social e da presença majoritária de vozes femininas, reforça-se o princípio fundamental da Análise do Discurso de tradição materialista: o discurso não é apenas fenômeno linguístico, mas prática social determinada por condições concretas de produção (Pêcheux, 1990). Assim, a emergência dessas vozes evidencia deslocamentos nas formações discursivas que estruturam o campo literário.

Pêcheux (2006) destaca que todo arquivo discursivo envolve não somente o que é dito, mas também o não-dito — apagamentos, silenciamentos e zonas de opacidade que estruturam a interpretação. Assim, os títulos das obras literárias não se restringem à literalidade: eles significam porque se inscrevem em formações discursivas que determinam possibilidades e limites do sentido.

A repetibilidade de títulos curtos, por exemplo, formados por substantivos e adjetivos de valoração negativa — como “vazio”, “aberto”, “turvo”, “noturno”, “cético”⁴ — confere às obras uma regularidade que pode ser compreendida como marca discursiva que mobiliza memórias sociais, constituindo efeitos de sentido de tensão, ruptura e resistência (Orlandi, 2007). Isso porque os adjetivos, longe de funcionarem como simples qualificadores, operam discursivamente como índices ideológicos, carregados de subjetividade e argumentatividade.

Embora o mercado editorial brasileiro ainda seja majoritariamente composto por publicações de títulos estrangeiros⁵ — tanto em número de obras traduzidas quanto em vendas e alcance de leitores —, o discurso literário nacional, por meio de suas publicações, assume posições ideológicas que contribuem para a construção de uma sociedade mais plural. Esses eixos temáticos revelam vozes capazes de promover empatia e respeito às diferentes realidades. Isso porque, sob a perspectiva discursiva materialista, o que está em jogo não é apenas o conteúdo manifesto das obras, mas a própria prática discursiva, entendida como “lugar de produção de sentidos regulado por relações históricas e ideológicas” (Pêcheux, 1999). Tal compreensão permite identificar deslocamentos e reconfigurações nos modos de representar a diversidade no campo literário nacional.

A dinâmica do mercado editorial brasileiro, entretanto, ainda impõe dificuldades para a promoção e visibilidade de escritores nacionais, que frequentemente enfrentam barreiras para alcançar o grande público, sobretudo quando suas obras não seguem os padrões comerciais hegemônicos. Editoras com foco específico na literatura brasileira contemporânea — como Malê e Patuá — mantêm catálogos

⁴ *Vento vazio*, de Marcela Dantés (Editora Companhia das Letras); *Quarto aberto*, de Tobias Carvalho (Editora Companhia das Letras); *Água Turva*, de Morgana Kretzmann (Editora Companhia das Letras); *Visão noturna*, de Franklin Teixeira (Editora Intrínseca); *Contos céticos*, de Adriana Lunardi (Editora Record).

⁵ Segundo dados publicados pela editora Companhia das Letras, em uma postagem intitulada Retrospectiva 2023 e 2024 de Ficção Estrangeira, foram publicados no período compreendido 51 títulos estrangeiros em ficção, representando 65% das publicações, contra apenas 18 títulos nacionais (35%).



majoritariamente compostos por autores nacionais, mas ainda encontram obstáculos estruturais frente à lógica mercadológica que privilegia títulos estrangeiros.

Dessa forma, os resultados observados apontam não apenas para a predominância de temáticas sociais nas obras contemporâneas brasileiras, mas também para a existência de entraves estruturais no mercado editorial que limitam a circulação e o reconhecimento de outras vozes literárias, ainda que relevantes e potentes para o debate social. Essa situação reforça que, no mercado editorial brasileiro, o “mercado” — capital, lucro, vendas — frequentemente precede o “editorial”, determinando, portanto, condições de produção que incidem diretamente nos sentidos que podem (ou não) circular.

Contudo, a análise mostra que os títulos literários brasileiros contemporâneos constituem materialidades discursivas que mobilizam sentidos vinculados a questões sociais urgentes e a representações identitárias em disputa. A presença expressiva de autores negros, mulheres e escritores periféricos indica também deslocamentos significativos nas formações discursivas que estruturam o campo literário nacional. Assim sendo, observa-se a emergência de práticas discursivas capazes de tensionar e ressignificar sentidos historicamente cristalizados, contribuindo para um campo literário mais diverso, plural e representativo.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. Trad. Joaquim José de Moura Ramos. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1970.
- BARTHES, Rolan. **Aula**. Pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. Trad. e posfácio Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2002.
- DALCASTAGNÈ, Regina (org). **Literatura e Exclusão**. Porto Alegre/RS: Zouk, 2017.
- NASCIMENTO, Erica Peçanha do. **“Literatura marginal”**: os escritores de periferia entram em cena. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, 2006.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Pontes, 1999.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5. ed. Campinas: Pontes, 2007.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- PÊCHEUX, Michel. In: ACHARD, Pierre (org.). **Papel da memória**. 2. ed. Campinas: Pontes, 1999. p. 55-72.
- PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso**. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.